RESUMO
Um tema que tem gerado preocupação entre professores e demais agentes educacionais é a relação entre a leitura e o desenvolvimento cognitivo e social das crianças na creche. Por isso, é fundamental buscar formas e alternativas que promovam a melhoria das habilidades de leitura desde cedo. A contação de histórias pode ser uma estratégia valiosa nesse processo. Assim, torna-se essencial incentivar nas crianças o interesse pela leitura, considerando que elas já participam de atividades que desenvolvem suas competências linguísticas, tanto na escrita quanto na leitura. Esta monografia tem por objetivo discutir a importância da ludicidade e contação de história para criança, em seu desenvolvimento cognitivo e social, tendo em vista que esta pode provocar na criança prazer, motivação, imaginação e ainda, estabelecer relações entre fantasia e realidade. A metodologia utilizada neste trabalho foi a de pesquisa bibliográfica qualitativa. Conclui-se que as atividades lúdicas e a contação de histórias podem se manifestar como brincadeiras, jogos ou qualquer outra dinâmica que promova situações de interação. Nesse contexto, é fundamental que os profissionais da educação infantil aprofundem seus estudos sobre a importância da ludicidade no processo de aprendizagem e no desenvolvimento das crianças nessa etapa educacional.

Palavras-Chave: Desenvolvimento Cognitivo. Desenvolvimento Social. Contação de história. Ludicidade.

ABSTRACT
A topic that has generated concern among teachers and other educational agents is the relationship between reading and the cognitive and social development of children in daycare. Therefore, it is essential to look for ways and alternatives that promote the improvement of reading skills from an early age. Storytelling can be a valuable strategy in this process. Therefore, it is essential to encourage children's interest in reading, considering that they already participate in activities that develop their language skills, both in writing and reading. This monograph aims to discuss the importance of playfulness and storytelling for children, in their cognitive and social development, considering that it can provoke pleasure, motivation, imagination in children and also establish relationships between fantasy and reality. The methodology used in this work was qualitative bibliographic research. It is concluded that recreational activities and storytelling can manifest themselves as games, games or any other dynamic that promotes interaction situations. In this context, it is essential that early childhood education professionals deepen their studies on the importance of playfulness in the learning process and development of children at this educational stage.

Keywords: Cognitive Development. Social Development. Storytelling. Playfulness.

INTRODUÇÃO

O Brasil passou a dar maior atenção à alfabetização a partir da década de 1930, embora, durante muito tempo, a maioria dos estudantes abandonasse a escola após a antiga quarta série, que oferecia apenas o básico necessário para o mercado de trabalho. A cultura predominantemente oral do país, em contraste com a literária, contribuiu para a formação de um número reduzido de leitores, apesar do crescimento recente na publicação e leitura de livros no Brasil.

No contexto social, observa-se que, apesar das mudanças e novos significados atribuídos a práticas tradicionais, o ato de contar histórias permanece como uma atividade relevante, realizada tanto por familiares quanto por professores. As crianças geralmente recebem com entusiasmo uma história contada por alguém próximo, o que reforça a importância dessa prática.

A relevância desse tema está no fato de que, mesmo com os avanços alcançados pelos educadores através de seus projetos, ainda há aspectos que necessitam de melhorias,

especialmente no ensino infantil. O uso do lúdico apresenta grande potencial para contribuir positivamente no desenvolvimento social, cognitivo e cultural da criança. Além disso, para a sociedade, essa abordagem pode gerar benefícios significativos, uma vez que crianças bem desenvolvidas têm maiores chances de se tornarem indivíduos mais preparados e integrados.

Os problemas educacionais relacionados à leitura são, em grande parte, resultado de contextos históricos e condições sociais. A escola, como espaço de interação social, muitas vezes não apresenta avanços expressivos no trabalho com a leitura em sua prática cotidiana, evidenciando a necessidade de mudanças mais profundas para enfrentar esses desafios. O problema de pesquisa é: quais são as contribuições da contação de histórias e da ludicidade para as aprendizagens e desenvolvimento cognitivo e social das crianças na creche?

O objetivo geral foi compreender a importância da ludicidade o contar de história para o desenvolvimento cognitivo e social da criança. E os objetivos específicos foram discutir a contação de histórias e a formação de leitores, entender a ludicidade e sua importância no desenvolvimento cognitivo e social da criança na creche e mostrar os alicerces para o desenvolvimento cognitivo na creche

O procedimento técnico utilizado neste trabalho foi uma revisão bibliográfica e esse tipo de material consiste em um conjunto de documentos que permitem identificar os dados utilizados para a elaboração do trabalho. Onde foi realizada consultas a livros, artigos científicos, selecionados através de busca nas seguintes bases de dados Biblioteca USP, Google acadêmico e Unesp.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO DE LEITORES

Ao narrar uma história, o contador de histórias pode dimensionar essa atividade como um resultado de algo previamente realizado por outra pessoa, considerando que todo texto narrado tem um autor, ainda que este seja desconhecido. Consciente dessa realidade, o contador pode conferir ao texto uma forma característica de narração.

Um elemento essencial nesse processo é a memorização do texto pelo narrador, um aspecto que não pode ser negligenciado. A memória parcial ou vaga de uma narrativa constitui a base da tradição oral na forma de contar histórias.

Nesse contexto, Sisto afirma que "decorar, muitas vezes compromete a naturalidade da fala, necessária, sobretudo nos textos mais poéticos". Com o tempo, o narrador reconhece que os ensaios e "treinamentos" são indispensáveis para sua performance, pois garantem maior espontaneidade na hora de narrar o texto memorizado.

Embora o contador de histórias nem sempre reproduza o texto exatamente como está no papel, ele reforça sua memorização ao reler o texto e ao marcar palavras que servirão como guia durante a narração, mesmo que esta seja improvisada. Assim, o estudo de um texto “improvisado” configura um exercício em que se selecionam palavras-chave que auxiliam na memorização (MATOS, 2014).

Um contador de histórias habilidoso transporta os ouvintes para um mundo inexplorado, muitas vezes percebido como enigmático. Ele deve provocar curiosidade, despertar sentimentos e valores condizentes com os acontecimentos da história e, acima de tudo, estimular reações nos ouvintes, conectando-os às experiências narradas. O objetivo maior é instigá-los a sonhar e imaginar criativamente o enredo apresentado.

A arte de contar histórias depende, em grande medida, do poder de sedução do narrador. Esse poder deriva de sua capacidade de despertar interesse, curiosidade e emoções no público, além da maneira como conduz a narrativa, utilizando movimentos corporais e expressões que enriquecem a experiência da história, frequentemente de autoria alheia. Nesse sentido, o ato de narrar representa também um encontro com os mistérios que cercam o ser humano e a vida em seus diversos momentos (TIERNO, 2017).

O narrador pode ser compreendido como uma figura semelhante a um conselheiro, que, com base em sua sabedoria, orienta e aconselha seus ouvintes. Essa sabedoria não se limita às experiências vividas por ele próprio, mas também abrange as vivências e experiências de outros que ele assimilou e interiorizou. Ao apropriar-se dessas vivências, o narrador constrói e reconstrói narrativas,

quando necessário, de modo que essas histórias tragam lições significativas para ele e seus ouvintes.

No que se refere à imagem, Benjamin destaca que a arte de contar histórias se perdeu porque as pessoas perderam o dom de ouvir. A sociedade atual valoriza intensamente o visual, e a diversidade de imagens tende a capturar a atenção dos indivíduos, muitas vezes em detrimento da escuta. Embora se fale e ouça muito, a verdadeira disposição para escutar continua escassa entre as pessoas (BENJAMIN, 2016).

Entretanto, vive-se em um mundo no qual os relacionamentos interpessoais dependem amplamente da escuta. A rapidez com que os dias passam faz com que as pessoas se percebam como seres "de" e "em" relação. Nesse sentido, é imperativo que os indivíduos aprendam a escutar e a compreender o que o outro está comunicando.

No contexto escolar, o professor pode implementar atividades que favoreçam significativamente o desenvolvimento da habilidade de escuta, como a prática de contar histórias em rodas ou o estabelecimento de momentos diários intitulados "A Hora do Conto", frequentemente realizados nas bibliotecas escolares. Essas ações permitem o (re)aprender a escutar, criando uma conexão entre a narrativa e o ouvinte. Durante a contação de histórias, os alunos precisam dispor-se a ouvir para compreender o que está sendo narrado, o que, por sua vez, contribui para formar futuros leitores críticos e apreciadores.

Assim, ao resgatar a arte de contar histórias, não apenas se promove um excelente exercício de escuta – uma habilidade essencial para a convivência social e o desenvolvimento de uma leitura de qualidade –, mas também se possibilita aos ouvintes o (re)encontro e a (re)elaboração de novas experiências. Essa prática estimula o imaginário e a criatividade, combinando realidade e magia, pois o aluno traduz as imagens criadas pela performance de fala e voz do contador de histórias, que, muitas vezes, é o próprio professor (MATOS, 2014).

Nessa perspectiva, compreende-se que a forma como o professor conduz a contação de histórias pode direcionar a percepção dos ouvintes, mostrando-lhes que as diversas maneiras de narrar estão disponíveis em outros formatos, como arquivos acessíveis em bibliotecas públicas.

Embora seja amplamente reconhecido que o professor desempenha o papel central na educação, sendo o agente mais próximo e relevante para o aluno, responsável direto por sua formação intelectual, pessoal e social no ambiente escolar, ainda são escassas as produções acadêmicas que investigam sua atuação como mediador de leitura. Muitos autores afirmam que a participação do professor é essencial para que o aluno desenvolva a habilidade de ler com competência, propondo diferentes abordagens para facilitar a aprendizagem em sala de aula.

Nesse contexto, o professor se posiciona como mediador cultural, ao mesmo tempo em que reflete criticamente sobre seu papel. Autores como Libâneo ressaltam a importância do professor como herdeiro, intérprete e crítico dentro da instituição escolar, compreendida em um sentido mais amplo como uma instituição cultural. Essa visão destaca a complexidade da função do professor enquanto agente de mediação.

No entanto, ao considerar o contexto social do aluno, é crucial reconhecer a presença de outros potenciais mediadores de leitura, como a família, os livros didáticos, as editoras, os críticos literários, as obras disponíveis e até mesmo as práticas de contação de histórias. Esses agentes desempenham papéis complementares no desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação dos alunos (LIBÂNEO, 2019).

O reconhecimento do papel do mediador na formação de leitores começou a ganhar destaque somente a partir da década de 1990. Uma contribuição significativa para essa temática pode ser encontrada na obra *Leitura: mediação e mediador*, de Maria Helena T. C. de Barros, Sueli Bortolin e Rovilson José da Silva. O livro explora aspectos importantes relacionados à mediação da leitura, destacando a atuação dos professores em sala de aula como mediadores institucionais capazes de facilitar o processo de leitura.

A mediação, entendida como intercessão, coloca o mediador de leitura como aquele que promove a compreensão dos significados de um texto de maneira eficaz. O mediador atua como um elo entre o leitor e o

objeto de leitura, garantindo que essa interação seja produtiva e enriquecedora, independentemente do formato ou do suporte do texto.

A maneira como o professor conduz a contação de histórias pode influenciar significativamente a percepção dos ouvintes, revelando-lhes que existem diversas formas de acessar narrativas, como arquivos disponíveis em bibliotecas públicas. Apesar de ser amplamente reconhecido como figura central no processo educativo, próximo e essencial para a formação intelectual, pessoal e social dos alunos, ainda há poucas investigações acadêmicas que exploram o papel do professor enquanto mediador da leitura. Diversos estudiosos apontam que sua atuação é indispensável para que os alunos desenvolvam habilidades de leitura eficazes, sugerindo diferentes métodos para tornar o aprendizado em sala de aula mais acessível e dinâmico (TIERNO, 2017).

Nesse sentido, o professor assume o papel de mediador cultural, refletindo de forma crítica sobre sua função no ambiente escolar. O professor desempenha o papel de herdeiro, intérprete e crítico dentro do contexto educacional, ampliando sua responsabilidade para além do ensino, ao atuar como um ponto de conexão entre a cultura e os estudantes.

Contudo, é essencial considerar que outros agentes também influenciam o desenvolvimento da leitura no contexto social do aluno, como a família, os materiais didáticos, as editoras, os críticos literários e as práticas de contação de histórias. Esses elementos complementam o papel do professor, enriquecendo as oportunidades de aprendizado e interpretação dos estudantes.

O destaque ao papel do mediador na formação de leitores começou a ser reconhecido de forma mais evidente a partir da década de 1990. Uma obra de referência nesse campo é *Leitura: mediação e mediador*, de Maria Helena T. C. de Barros, Sueli Bortolin e Rovilson José da Silva, que aborda a importância da mediação no processo de leitura e discute como os professores podem exercer essa função no ambiente escolar, promovendo a compreensão e o envolvimento dos alunos com os textos (MORAES, 2019).

Mediar implica facilitar a interação entre o leitor e o texto, promovendo o entendimento de seus significados de maneira clara e eficaz. Nesse contexto, Moraes destaca que o mediador é aquele que estabelece a ponte entre o sujeito e o objeto da leitura, ajudando o leitor a acessar o conteúdo de forma independente e produtiva, independentemente do suporte ou formato do material.

A LUDICIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIAL DA CRIANÇA NA CRECHE

A vida psíquica de uma criança não tem início apenas ao nascer, mas é uma continuidade do período intrauterino. Tudo o que ocorre durante a gestação pode refletir na vida pós-natal do bebê. Por exemplo, o bem-estar fetal está diretamente ligado aos sentimentos vivenciados pela mãe. Se a mãe enfrenta momentos de tristeza ou estresse, essas emoções podem ser transmitidas ao feto. Assim, o cuidado durante a gestação é essencial para o desenvolvimento emocional e psicológico do bebê.

Ao nascer, a adaptação ao mundo externo é desafiadora. O recém-nascido precisa ajustar-se a uma nova realidade, começando a usar os pulmões para respirar e o estômago para digerir alimentos. Além disso, ele é exposto a toques, vozes desconhecidas, luzes intensas e sensações que podem causar medo e angústia. O corte do cordão umbilical marca sua primeira separação da mãe, dando início à experiência de vida extrauterina e ao desafio de respirar sozinho. Esse período inicial é repleto de ajustes: os sistemas de respiração, digestão, circulação, regulação da temperatura e secreção hormonal do bebê começam a se estabilizar, iniciando sua jornada de independência e desenvolvimento.

O desenvolvimento infantil não pode ser analisado isoladamente, pois envolve uma interação complexa entre experiências motoras, convivência social e o contato do indivíduo com o ambiente. Esses elementos, em conjunto, contribuem para a formação das bases estruturais do aprendizado. As mudanças ocorrem de forma gradual e contínua, com etapas que se sobrepõem ao longo do tempo.

A infância é uma fase crucial para o desen-

volvimento humano, onde são moldadas as principais características que definem o indivíduo como pessoa. O desenvolvimento consiste em potencializar aquilo que a criança já possui, ao mesmo tempo em que se criam oportunidades para que ela transforme talentos em habilidades e competências. Esse processo visa proporcionar-lhe sucesso e prosperidade no futuro. Pais e educadores compartilham o desejo de ver a criança progredir e tornar-se um adulto realizado e bem-sucedido (DOHME, 2016).

A utilização da ludicidade no trabalho com crianças contribui significativamente para o seu desenvolvimento, promovendo a interação entre as próprias crianças e também com os adultos, possibilitando um crescimento integral nos aspectos motor, cognitivo, afetivo e social.

O desenvolvimento cognitivo

O desenvolvimento cognitivo é compreendido como o processo gradual pelo qual os seres humanos adquirem conhecimento e aprimoram suas capacidades intelectuais. É essencial que o educador tenha uma compreensão clara sobre as etapas desse desenvolvimento, para conduzir um trabalho eficaz que permita à criança avançar respeitando o seu ritmo de aprendizagem. Isso evita a perda de oportunidades importantes, como pressionar a criança a aprender antes do momento apropriado ou quando já se passou a fase ideal.

O desenvolvimento cognitivo infantil ocorre em estágios específicos, denominados: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operacional (2 a 6 anos), operações concretas (7 a 11 anos) e operações formais (a partir dos 12 anos).

No estágio sensório-motor, a atividade intelectual baseia-se principalmente nos sentidos e nos movimentos: a criança interage com o ambiente por meio de suas percepções e ações. Por exemplo, um bebê com sede busca saciar-se sugando qualquer objeto colocado em sua boca.

Segundo Almeida (2017), durante esse período, a criança desenvolve seus sentidos, aprimora os movimentos, fortalece os músculos e estimula tanto sua percepção quanto seu cérebro, explorando o ambiente ao olhar, tocar, ouvir, apalpar e manipular objetos.

No estágio seguinte, denominado pré-operacional (2 a 6 anos), a criança começa a utilizar símbolos para representar objetos e conceitos. É nesse período que surgem representações mentais por meio de imagens ou palavras, mesmo na ausência dos objetos físicos.

A criança na fase pré-operacional adapta-se às demandas concretas da vida utilizando as habilidades adquiridas na etapa anterior. Entretanto, no que diz respeito à compreensão e explicação das situações que vivencia, ela encontra-se em desequilíbrio. Isso ocorre porque, nesse estágio, a criança não trabalha diretamente com ideias ou objetos de forma lógica, mas brinca com eles, utilizando a imaginação, a fantasia e a mágica (OLIVEIRA, 2017).

Esse processo ocorre por meio do jogo simbólico, também conhecido como brincadeira de faz-de-conta. Nessa prática, a criança utiliza objetos ao seu alcance para criar representações imaginadas por sua própria mente. Por exemplo, um cabo de vassoura pode ser transformado em um cavalo na imaginação da criança. Outro recurso que permite trazer suas ideias para a realidade é o desenho, que funciona como uma forma de imitar e reinterpretar o mundo ao seu redor.

Nesse estágio, é comum a presença do egocentrismo, caracterizado pela crença da criança de que tudo ao seu redor existe em função dela. Por essa razão, jogos com regras ainda não são bem compreendidos, embora a interação com outras crianças seja essencial para promover seu desenvolvimento social. Assim, a junção do lúdico com o desenvolvimento das habilidades cognitivas acontece em constante troca e interação.

Ao avançar para o estágio das operações concretas, que abrange dos 7 aos 11 anos, a criança começa a realizar operações mentais baseadas em objetos e situações reais. As operações mentais da criança ocorrem em respostas a objetos e situações reais. A criança usa lógica e raciocínio de modo elementar, mas somente os aplica na manipulação de objetos concretos (DOHME, 2016).

Nesse período, brincadeiras, jogos e práticas esportivas tornam-se mais estruturados, frequentemente orientados por regras que refletem valores sociais e culturais do ambiente em que vive. Essa fase marca o início do uso da lógica e do raciocínio de maneira

mais sistemática e inteligente.
Os jogos passam a ser adaptados para construções mais complexas, exigindo maior participação e engajamento no aprendizado. Esse processo favorece a organização do conhecimento existente, e o trabalho escolar adquire maior seriedade à medida que a criança aprende a ler, escrever e realizar cálculos. O sentido do trabalho-jogo se define como algo inerente, e os trabalhos escolares passam a ter seriedade quando as crianças aprendem a ler e escrever, a calcular (ALMEIDA, 2017).
Enquanto no estágio pré-operacional a criança tem dificuldade em compreender múltiplas dimensões de forma simultânea — como entender que a quantidade de água permanece a mesma em recipientes de formatos diferentes —, no estágio das operações concretas, ela desenvolve essa habilidade. Além disso, a criança começa a realizar inclusão de classes, compreendendo que um objeto pode pertencer a mais de uma categoria ao mesmo tempo. Nesse ponto, sua organização mental já é mais integrada e avançada.
O período das operações formais, que tem início a partir dos 12 anos, caracteriza-se pela capacidade de raciocinar de forma abstrata, sem a necessidade de contato direto com objetos concretos ou situações reais. Conforme Meireles (2016), o pensamento formal é, portanto, hipotético-dedutivo, isto é, capaz de deduzir as conclusões de puras hipóteses e não somente através de observação real. Nesse estágio, o indivíduo começa a formar sua identidade própria, enfrentando questões e conflitos existenciais, muitas vezes com dificuldade para diferenciar entre o que é certo e errado.

ALICERCES PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA CRECHE

O desenvolvimento cognitivo da criança, embora essencial, não ocorre de maneira isolada. É igualmente importante considerar outros aspectos que atuam como fundamentos para um progresso equilibrado e integral.
Embora exista consenso sobre a importância de uma educação infantil que promova a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, reconhecendo-a como um ser completo e indivisível, as divergências surgem na interpretação de como trabalhar cada um desses elementos de forma integrada.
Algumas abordagens pedagógicas tendem a tratar esses aspectos separadamente, mas é fundamental que cuidar e educar estejam sempre alinhados. O educador deve adotar uma visão holística do desenvolvimento infantil, respeitando a diversidade e o ritmo individual de cada criança. Para isso, é necessário manter uma postura de observação constante, evitando transformar atividades educativas em práticas repetitivas e excessivamente regulamentadas.
O desenvolvimento moral, por exemplo, é um processo gradual que se constrói por meio da convivência com adultos e outros modelos sociais. É nessa interação que a criança aprende sobre as normas, os valores e os princípios éticos que regulam a vida em sociedade. Para isso, é essencial que a criança vivencie diferentes contextos sociais, como a escola, a família e outros espaços comunitários, como igrejas ou associações (VYGOTSKY, 2016).
Os jogos com regras desempenham um papel significativo nesse processo, pois exigem interação entre as crianças, proporcionando-lhes a oportunidade de internalizar conceitos básicos de convivência. O contato com colegas de diferentes grupos sociais, com suas variadas crenças, culturas e costumes, contribui para que a criança desenvolva habilidades de interação e respeito às diferenças durante essas atividades lúdicas.
Enquanto a moralidade é construída, a socialização ocorre simultaneamente. O professor tem um papel essencial em promover momentos de interação, brincadeiras e aprendizado. É importante frisar que as crianças se desenvolvem em situações de interação social, nas quais conflitos e negociação de sentimentos, ideias e soluções são elementos indispensáveis.”
Oferecer um ambiente acolhedor, no qual a criança se sinta segura e fortalecida em sua autoestima e confiança, é essencial para esse processo. Contudo, mesmo em um ambiente acolhedor, é natural que ocorram conflitos, disputas e divergências. Essas situações fazem parte das interações sociais e podem ser valiosas para o aprendizado. O educa-

dor deve estar atento para intervir nesses momentos, auxiliando as crianças a buscar soluções e aprendendo a conviver em grupo de forma harmoniosa e construtiva.

A criança necessita de mais do que apenas estímulos cognitivos para garantir seu pleno desenvolvimento. O aspecto afetivo também desempenha um papel crucial, pois o contato com o afeto de outras pessoas permite que ela cresça com maior segurança e determinação. A afetividade influencia diretamente o desenvolvimento emocional, a socialização, as interações humanas e, principalmente, a aprendizagem.

Nas relações interpessoais, surgem diversos sentimentos, como amor, medo de perder, ciúmes, saudade, raiva e inveja. Essa combinação de emoções dá origem à afetividade, e é no ambiente familiar que a criança aprende a lidar com esses sentimentos. A família, unida pelo amor, também é palco de conflitos, momentos de raiva, tristeza, perdão e reconciliação, que ajudam a criança a compreender e gerenciar suas emoções (SILVA JÚNIOR, 2017).

A afetividade também se manifesta na relação professor-aluno, especialmente quando o educador enxerga a criança como um indivíduo único, reconhecendo suas características próprias e respeitando suas limitações. Esse cuidado fortalece os laços entre ambos e contribui para o desenvolvimento da criança como um todo. A interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagem pelas crianças.

O papel do professor vai além do desenvolvimento intelectual. Ele deve compreender que a criança é um ser humano com emoções e necessidades, e não uma máquina a ser programada. As crianças precisam estabelecer relações e vivenciar experiências que as ajudem a crescer e refletir. Por isso, o educador deve criar oportunidades que favoreçam o aprendizado, promovam a capacidade de tomar decisões e estimulem a reflexão com base em valores como justiça e coerência.

Embora essencial, aplicar esses princípios na prática pode ser um grande desafio.

Concepções do lúdico uma abordagem teórica

Os jogos, brinquedos e brincadeiras são ferramentas essenciais no desenvolvimento infantil, facilitando a assimilação de conteúdos por meio de atividades lúdicas. O uso de jogos na educação infantil permite maximizar a construção do conhecimento ao unir prazer e motivação ao processo de ensino-aprendizagem.

Ao brincar, a criança assume papéis baseados em comportamentos observados e imaginados, o que define regras que regulam sua vivência no jogo. Ele enfatiza o papel do faz-de-conta como característico da fase pré-escolar, onde as crianças criam situações imaginárias que, mesmo informais, contêm regras implícitas de comportamento.

Freire (2015) divide a evolução da consciência das regras em três etapas:

anomia, heteronomia e autonomia. Na anomia, até os cinco ou seis anos, as crianças obedecem às regras por hábito, sem compreender sua finalidade. Na heteronomia, começam a valorizar atividades coletivas, mas veem as regras como imutáveis e impostas por figuras de autoridade. Essas etapas refletem a progressão da compreensão infantil sobre normas e convivência social.

A etapa final do desenvolvimento da compreensão das regras é a autonomia, caracterizada por uma visão oposta à fase anterior. Nesse estágio, a criança entende que as regras são fruto de acordos entre os participantes e podem ser modificadas, se necessário.

No ambiente escolar, as brincadeiras podem ser classificadas como livres ou dirigidas, cada uma com suas particularidades. As brincadeiras livres acontecem de forma espontânea, sem a intervenção direta do professor. Já as dirigidas contam com a mediação do educador, que orienta as atividades para que os alunos desenvolvam habilidades específicas. É importante compreender o jogo, o brinquedo e a brincadeira como atividade que promove mudanças significativas no desenvolvimento infantil e não apenas como um elemento presente no cotidiano das crianças.

Para integrar jogos e brincadeiras à rotina escolar, é fundamental organizar um espaço adequado, com objetos que incentivem a criatividade e permitam que as crianças explorem, fantasiem, se escondam ou inte-

rajam sozinhas ou em grupo. No entanto, possuir os materiais adequados não é suficiente. O educador precisa utilizálos de forma estratégica, respeitando o estágio de desenvolvimento de cada criança e garantindo que o processo de aprendizagem seja agradável e significativo.

Brincar é uma atividade intrínseca ao ser humano, proporcionando alegria, liberdade e alívio das tensões do dia a dia. Por meio da imaginação e das brincadeiras, a criança encontra uma forma de se distrair, afastando-se das pressões que enfrenta em sua rotina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho, fundamentada em estudos teóricos, evidenciou a relevância das atividades lúdicas no desenvolvimento cognitivo e social das crianças em ambiente de creche. Através do brincar, a criança constrói sua própria realidade, e um ambiente enriquecedor, acolhedor, desafiador e planejado para atender suas necessidades é indispensável para que esse desenvolvimento ocorra de forma positiva.

A contação de histórias, por sua vez, estimula a imaginação e transporta o aluno para diferentes tempos e espaços, desconectando-o momentaneamente do contexto atual. Essas experiências podem ser originadas por narrativas de terceiros, leituras de obras de autores diversos ou até mesmo pela criatividade do contador. Independentemente da origem, as histórias permitem que a criança dê asas à imaginação, ampliando sua subjetividade.

As atividades lúdicas oferecem inúmeros benefícios para o desenvolvimento integral das crianças, favorecendo aspectos físicos, motores, emocionais, cognitivos e sociais, além de fortalecerem as habilidades de cooperação e convivência cidadã. Durante essas práticas, a criança se expressa, adquire novos conhecimentos e constrói sua realidade. É importante, no entanto, que essas atividades sejam realizadas de maneira prazerosa, sem perder de vista os objetivos educacionais propostos.

Durante as atividades, o educador precisa estar atento às individualidades de cada criança, reconhecendo que nem todas possuem os mesmos interesses ou habilidades. Assim, é essencial diversificar as atividades para identificar as aptidões específicas de cada uma. A interação promovida por essas práticas pode se manifestar em brincadeiras, jogos ou outras atividades que incentivem o contato e a colaboração. O mais importante é a forma como essas interações são conduzidas, garantindo que tenham um propósito claro e significativo.

Essas atividades, aliadas ao empenho dos professores e educadores, contribuem significativamente para o bem-estar e a diversão das crianças, proporcionando uma experiência agradável e enriquecedora na creche ou na escola. Além disso, essas práticas auxiliam no alcance dos objetivos pedagógicos, favorecendo o sucesso dos planos educativos propostos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. N. Educação Lúdica: estratégias de ensino-aprendizagem. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2017.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.10 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2016

DOHME, V. Atividades Lúdicas na Educação: O caminho de tijolos amarelos do aprendizado. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. 3 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2015.

LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, Adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. 10. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2019.

MATOS, G. A. A palavra do contador de histórias. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MEIRELES, C. Problemas na literatura infantil. 4 ed. São Paulo: Ed. Global Editora, 2016.

MORAES, F. Contar histórias: a arte de brincar com as palavras. 3 ed. São Paulo: Vozes, 2019.

OLIVEIRA, Z. R. Educação infantil: fundamentos e métodos. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA JÚNIOR, A. G. Aprendizagem por meio da ludicidade. 3 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2015.

TIERNO, G. A Arte de Contar Histórias: abordagens poética, literária e performática. São Paulo: Ícone, 2017.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2016.